

Um presidente profissional

Se fosse um presidente comum, Fernando Henrique Cardoso estaria dobrando o Cabo da Boa Esperança, como se dizia no tempo dos presidentes comuns. Quarta-feira, quando 1997 chegar, inaugura-se a metade final do mandato de quatro anos que ele conquistou com brilho na campanha de 1994. É nessa fase do governo que os políticos começam a pensar a sério em eleger um sucessor e puxam as folhas do calendário de trás para frente, contando os dias que faltam para o retorno à planície.

É um exercício doloroso para alguns. A agenda vai se esvaziando, o cafezinho chega frio e o ajudante-de-ordens ouve desabafos que não se contaria ao padre confessor. Outros se angustiam com a falta de tempo para completar a obra iniciada e entram num frenesi de propor leis, inaugurar, fazer coisas, tomados pelo desejo de marcar indelevelmente a memória pátria. Em final de mandato, até os presidentes reagem como seres humanos, inconformados que somos com o correr do tempo.

(O último período está contaminado pela melancolia típica da passagem de ano, termo que aprendemos na infância e uma globalização precoce substitui, entre os brasileiros, pelo afrancesado réveillon. Nossos filhos viverão o bastante para chamar o Natal de Xmas e Papai Noel de Santa Claus. Fecha parêntese.)

Presidentes comuns não estariam de férias em Fernando de Noronha, a meio caminho entre o Brasil e os velhos continentes, como faz Sua Excelência no momento. No máximo, estariam recolhidos à velha casa da família ou desfrutando a natureza numa fazenda insuspeita, com um olho nos netos e outro nos jornais, o convívio dos parentes sempre subordinado ao tinir do telefone vermelho, não importa qual seja a cor do aparelho.

Só presidentes profissionais tiram férias no verão (aliás, *summer hollydays*). Dão-se esse direito somente os que trabalham num horizonte de estabilidade pessoal, política e institucional. Ou os que não têm nada a perder, depois de jogar fora a biografia. Evidentemente, FH está no primeiro caso.

Pode sair de férias seguro de encontrar a casa em ordem quando voltar à rotina, depois das festas.

Não é novidade na Europa ou nos Estados Unidos, a república macaqueada pelo legislador brasileiro. É tradição no Vaticano, que dá ao papa o conforto de um Palácio de Verão. No Brasil, espanta, mas não deixa de ser um sinal de civilidade. Mesmo nessa época de boa-vontade, permanecem existindo os grandes problemas sociais de um "país injusto" (para citar o próprio FH), mas as intuições sobrevivem para comer as castanhas. É o que acontece quando se pratica democracia por dez anos seguidos.

Fernando Henrique colhe os frutos desse aprendizado nacional em seu melhor momento como presidente da República. Um momento tão excepcional que pode

lhe fornecer uma prorrogação do contrato por mais quatro anos. Na metade do governo, ele encontra condições políticas para cuidar, não da sucessão, mas de obter um segundo mandato.

Ele guarda, com certeza, alguma ansiedade em relação ao Congresso, de quem depende a autorização legal para o salto. Impõe-se, no entanto, prazo de apenas um mês para resolver a parada e depois seguir adiante, qualquer que seja o destino da emenda reeleitoral. É apenas um antídoto

contra a angústia: FH está convencido de que poderá levar a faixa presidencial para tomar banho de mar até o verão do ano de 2002.

Não é o primeiro caso de presidente profissional no Brasil. Tivemos Getúlio, mas foi bem diferente: ele chegou ao poder pelas armas e teve 15 anos para se aperfeiçoar na arte, antes de tentar a primeira eleição (na democracia, não conseguiu governar e terminou em tragédia). Tivemos JK e Ernesto Geisel, em situações bastante diversas.

Consequindo a reeleição, FH deve esticar progressivamente seus períodos de férias, sem perder a noção do razoável. Uma semana de folga é pouco, até para japoneses. Presidente profissional merece pelo menos 15 dias por ano, regulamentados em lei. Sobre o pagamento de décimo-terceiro salário e o FGTS, conversamos depois da renovação do contrato. Boas férias, presidente.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Só têm direito a férias, como FH, presidentes que trabalham num horizonte de estabilidade